



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

SANDRA SOARES SARMENTO

**SEXUALIDADE:
UM TEMA EM DEBATE**

CAJAZEIRAS - PB

2007

SANDRA SOARES SARMENTO

**SEXUALIDADE:
UM TEMA EM DEBATE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2007



S246s Sarmiento, Sandra Soares.
Sexualidade: um tema em debate / Sandra Soares Sarmiento.- Cajazeiras, 2007.
55f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2007.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Sexualidade infantil. 2. Família. 3. Escola - orientação sexual. 4. Educação sexual. 5. Preconceito. 6. Homossexualismo. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 613.88

AGRADECIMENTOS

Muitos foram as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração dessa monografia. Agradeço especialmente:

A Maria Janete que com sua paciência auxiliou nas minhas dúvidas, tornando-a cada vez mais admirável.

Aos meus pais e todos da minha família, que estavam sempre me apoiando durante a elaboração desse trabalho.

E a meu grande DEUS, que me fez chegar até aqui.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| RESUMO..... | 05 |
| INTRODUÇÃO..... | 06 |
| CAPÍTULO I – A sexualidade infantil de acordo com Sigmund Freud (1856-1932)..... | 08 |
| 1.1 Breve Histórico (sexualidade – PCN)..... | 12 |
| 1.2 Gênero..... | 15 |
| 1.3 O trabalho do professor com questões relacionadas a gênero..... | 18 |
| 1.4 O papel da família e da escola..... | 19 |
| 1.5 Implantação de um projeto de orientação sexual na escola..... | 21 |
| CAPÍTULO II – Análise dos dados..... | 25 |
| 1.1 Recursos metodológicos..... | 25 |
| 1.2 Análise do questionário..... | 26 |
| 1.3 Análise do estágio..... | 32 |
| CONCLUSÃO..... | 35 |
| BIBLIOGRAFIAS..... | 40 |
| ANEXOS..... | 41 |

RESUMO

O trabalho de orientação sexual na escola não é uma tarefa fácil, pois para a realização deste é necessário planejamento e envolvimento do todo que compõe a escola, principalmente os professores e os pais dos alunos. É importante que os pais tenham consciência que seus valores e comportamentos em relação a sexualidade tem grande influencia na educação de seus filhos, e que a sexualidade não é vivida apenas na adolescência, mas algo que está presente desde os primeiros dias de vida. Hoje mais do que nunca sente-se a necessidade de implantar um projeto de orientação sexual nas escolas e até mesmo os pais têm consciência disso, pois vários problemas relacionados a uma sexualidade mal vivida têm-se agravado, como por exemplo as gravidezes indesejada, a violência com a mulher etc. Isso e outras coisas exige das escolas um trabalho de orientação sexual desde cedo, mesmo sabendo que ainda estamos dando os primeiros passos, devido aos muitos tabus que existem em nossa sociedade. É importante ainda ressaltar que para a implantação de um projeto de orientação sexual, seja esclarecida qualquer dúvida aos pais e que sejam apresentados a estes os objetivos que se espera alcançar com o desenvolvimento do projeto. O trabalho de orientação sexual na escola é então o meio que vai proporcionar ao aluno juntamente com o professor uma reflexão sobre vários assuntos que estão ligados a sexualidade. Daí a importância de haver confiança e respeito de ambas as partes: professor e aluno.

Palavras –chaves: sexualidade; preconceito; gênero; orientação sexual, homossexualismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: Sexualidade: um tema em debate e teve como propósito mostrar a importância que a sexualidade traz quando abordamos temas como: discriminação com as mulheres e homossexuais, questões de gênero, virgindade, amor, ato sexual, DSTs etc.

Meu interesse pela realização deste estudo surgiu a partir da observação de como as crianças e jovens são carentes de informações corretas sobre esse tema. Diante disso vivem sua sexualidade de forma irresponsável e não prazerosa.

Diante da realização desse estudo, ao longo de dois capítulos buscamos mostrar a dificuldade que os professores têm de elaborar essa temática.

O primeiro capítulo enfoca a sexualidade infantil de acordo com Freud, mostra que a sexualidade não é algo que surge apenas na adolescência, mas algo que existe desde o início da vida. Enfoca ainda como a sexualidade foi vista durante algumas épocas em nossa sociedade e sobre questões de gênero. Não pude deixar de falar ainda sobre o papel da família e o da escola diante de tantas informações que são passadas pela mídia.

O segundo capítulo foi feito uma análise sobre os questionários dos professores e sobre o estágio que foi realizado com os alunos.

Por fim, a conclusão que é um relato do que foi realizado no trabalho.

Diante de tudo isso, acreditamos que a orientação sexual deve contribuir para que as crianças e jovens exerçam sua sexualidade de forma saudável e com responsabilidade e que estes não sejam indivíduos que venham a discriminar os outros por suas escolhas sexuais ou diferença de gêneros.

Optamos por trabalhar com essa temática, devido a observação no decorrer da vida estudantil como essa é uma questão pouco trabalhada em sala de aula e o pouco que é trabalhado enfoca apenas o aspecto biológico. Não é trabalhada sendo uma questão sendo uma questão afetiva e natural do ser humano.

Trabalhamos com questionário, visto que poderia haver uma recusa dos professores em falar, abertamente. Assim obtemos dados que nos deu base para descobrir as dificuldades dos professores e dos alunos e dessa forma contribuir para uma melhora nas aulas sobre sexualidade.

CAPÍTULO I - A SEXUALIDADE INFANTIL DE ACORDO COM SEGMUND FREUD (1856 – 1932)

Segmund Freud contribuiu bastante para o entendimento da sexualidade infantil, pois mostrou que esta se desenvolve desde os primeiros dias de vida e segue manifestando-se nas diferentes fases da vida e de diferentes formas. Uma descoberta importante que a criança tem por volta dos três ou quatro anos é a descoberta do próprio corpo. A manipulação dos órgãos sexuais que lhe proporciona prazer (Bock 1995).

Quando se fala em sexualidade geralmente o pensamento se volta para a figura de uma pessoa adulta, no entanto a orientação sexual na infância é de suma importância, pois é nela que o desenvolvimento e transformações são compreendidas para serem reproduzidas depois, quando chegar a fase adulta. Freud então caracteriza as fases do desenvolvimento psicosexual como oral, anal, fálica, de latência e genital. Todas as fases descritas por Freud são importantes para o desenvolvimento social, como o intelectual, o psíquico e o afetivo.

No início da vida a função sexual liga-se a sobrevivência. Esta é a fase oral, que vai desde o nascer até aproximadamente aos dois anos de idade. Nesta fase o prazer está concentrado na boca. De acordo com Silveira e Dourado:

Ao longo dos primeiros dois anos de vida, os bebês têm grande prazer em sugar e colocar coisas na boca. Freud acreditava que o prazer sexual derivado do sugar, seguido depois pelo morder, era provado pelo evidente prazer que os bebês tiravam de sugar praticamente qualquer coisa que conseguissem levar a boca, e também pelo fato de que continuavam sugando quando não havia mais alimento a ser ingerido. (1999, p. 34)

O bebê é receptivo ao que lhe oferece e a mãe o supre com os seios e outras partes do corpo. O seio lhe dá satisfação para a necessidade desta fase. Através de sua relação com a mãe a criança adquire confiança básica, o que mais tarde influenciará na identidade. Essa fase é muito importante na estruturação da personalidade. Algumas frustrações nela podem levar a distúrbios na relação do indivíduo com as pessoas e com o mundo. De acordo com Souza (1991, p.84):

As pessoas que tiveram a fase oral reprimida beijam muito, fumam, exercitam o sexo oral e falam palavras... Há pessoas que agredem com palavras, discutem e são verbalmente briguentas e agressivas... É por isso que os muros, carteiras escolares e banheiros públicos estão cheios dela... Se o estágio oral for bem resolvido, a pessoa será otimista e alegre.

A segunda fase é anal, a qual tem como zona de erotização o ânus. A criança se volta para eliminação e retenção das fezes. Nessa fase, mesmo ainda sendo dependente (pois vai dos dois aos três anos aproximadamente), a criança aprende a experimentar sua vontade autônoma. Assim como na fase anterior as crianças que se perdem nessa fase poderão ter problemas futuros. A educação e o controle dos esfínteres devem ser vista de maneira positiva, se as exigências por parte dos pais forem bruscas e prematuras podem acarretar graves perturbações no progresso da criança para o equilíbrio e a maturidade emocional. Silveira e dourado diz que:

O período da vida (dos dois aos três anos) a que Freud chama de fase anal, coincide com a época em que, em muitas culturas, os pais educam seus filhos para usar o banheiro. Recompensam-nos por evacuarem na hora e no local adequados, e as punem quando fazem nas calças. Em todas as culturas, as crianças não conseguem cumprir por completo as exigências dessa educação. Será que fazem isso porque, como diz Freud, gostam das sensações corporais de "reter" as fezes? (1999, p.36)

Por sorte as exigências feitas pelos pais nessa fase chegam um momento que o cérebro da criança já está desenvolvido para lidar com elas.

Depois da fase anal, por volta de três ou quatro anos, a zona de erotização deixa de ser o ânus e passa a ser o órgão sexual. Essa fase é chamada de fase fálica e vai de quatro até os seis anos de idade aproximadamente. Nesse período a criança tem curiosidade em relação aos seus órgãos genitais e dos colegas e começam a ficarem curiosos e se perguntar por que meninos são de um jeito e meninas são de outro? Ou como os bebês nascem? Enfim várias curiosidades vão surgindo. Quando as pessoas que convivem com a criança não aceitam essas curiosidades de forma natural, a criança vai desenvolvendo em sua mente componentes inadequados em relação ao sexo e isso pode levar a complexos, sentimentos de culpa etc. Segundo Silveira e Dourado:

As crianças nesta fase fálica (dos quatro aos seis anos) têm emoções intensas, geralmente direcionadas para o genitor do sexo oposto. (...) enquanto os sentimentos e objetivos de meninos e meninas são idênticos nas primeiras duas fases, divergem acentuadamente na terceira. A maturidade mental, combinada com um deslocamento da sensibilidade em direção aos órgãos genitais, faz com que a diferença anatômica entre os sexos se torne importante (1999, p.37).

Essa fase é importante na determinação da sexualidade futura, por isso os pais e professores devem ter cuidados com a educação de seus filhos. As proibições, ameaças e práticas sedutoras podem ser perigosas. A presença do pai na educação dos filhos é imprescindível para uma identificação normal com a figura masculina. Nessa fase a menina se identifica mais com a figura do pai e o menino com a da mãe. A mãe é seu objeto de desejo. Aqui então é vivido um drama já que a menina tem sentimentos ternos e sensuais por seu pai e ao mesmo tempo se

identifica com a figura da mãe que no caso é a rival dela. Os meninos também resolvem esse dilema por meio da identificação com o pai, pois percebem que eles também um dia serão pai e dessa forma procura interesses masculinos fora da família. Freud batiza esse drama com o nome de complexo de Édipo. Édipo é o herói de uma tragédia grega que mata o pai para se casar com a mãe. Esse complexo tem que ser resolvido de forma adequada para não trazer problemas futuros de ajustamento na identificação sexual da criança. No final dessa fase a criança deve adquirir um sentimento de iniciativa, ou seja, o que ele pode e o que é capaz de fazer.

Depois da fase fálica vem a fase de latência, a qual é caracterizada por uma diminuição das atividades sexuais, vai aproximadamente de seis anos até a adolescência. Nessa fase a criança sente que já é capaz de fazer coisas com mais perfeição, ela descobre que seus descendentes familiares decide seus valores e influencia no desenvolvimento do seu caráter. Passada a fase de latência chega-se a fase genital, que acontece no período da adolescência. Nessa fase o objeto de erotização não é mais o próprio corpo, mas sim outra pessoa. Como no decorrer dessa fase o indivíduo passa por uma confusão de identidade, quando chegar ao final dela ele deve ter sua identidade adulta.

Como podemos perceber nas fases descritas por Freud, a sexualidade existe desde o início da vida e não apenas na adolescência. Ele fez investigações e descobriu que muitos desejos reprimidos e pensamentos tem relação direta com os primeiros anos de vida dos seres humanos e o que ocorre nesse período de vida tem grande importância para a constituição da personalidade do indivíduo. "Para ele, a personalidade é o padrão de pensamento, emoções e habilidades intelectuais que torna uma pessoa única" (Silveira e Dourado, pág. 30).

Muitos aspectos de nossa personalidade estão ligados ao desenvolvimento psicosexual. A descoberta de uma sexualidade infantil por Freud teve efeito na época, já que se tinha a concepção de criança como ser inocente, e da sexualidade como algo sujo e vergonhoso. As afirmações de Freud contrariavam o pensamento da época de que sexo se associava a reprodução apenas e não a obtenção de prazer também. E Freud mostrou o contrário do que as pessoas achavam ser o correto.

BREVE HISTÓRICO (SEXUALIDADE – PCN)

A sexualidade tem sido vista como algo impróprio e vergonhoso para muitas pessoas e por muito tempo. Talvez por isso somente a partir da década de 70 é que surgiu a discussão sobre incluir a sexualidade no currículo das escolas de primeiro e segundo grau.

Até os anos 50 no Brasil a educação sexual era bastante conservadora e centrada na família patriarcal. A partir dos anos 50 passou a ser vista como mercadoria, pois o corpo passou a ser valorizado como ideal estético e mercantil. Provavelmente isso aconteceu por causa da influência dos meios de comunicação.

Nos anos 80 a sexualidade se tornou uma área de maior preocupação para os educadores, pois o número de adolescentes que se encontrava com gravidez indesejada crescia bastante e como consequência disso o número de aborto também cresceu bastante. Esses problemas poderiam estar sendo causado por falta de informação ou por informações dadas incorretamente sobre como se prevenir, pois outro problema que preocupava bastante os educadores era o aumento de pessoas que adquiria a AIDS, considerando que mesmo sem a AIDS estar incluída

no grupo das doenças sexualmente transmissíveis, é geralmente passado pelo ato sexual sem proteção. Provavelmente esses foram problemas que favoreceram que as escolas percebessem e as famílias também o quanto a orientação sexual na escola seria necessária. De acordo com BRASIL:

A princípio acreditava-se que as famílias apresentavam resistência à abordagem dessas questões no âmbito escolar, mas atualmente sabe-se que os pais reivindicam a orientação sexual nas escolas, pois reconhecem não só a sua importância para crianças e jovens, como também a dificuldade de falar abertamente sobre esse assunto em casa. Uma pesquisa do Instituto Datafolha, realizada em dez capitais brasileiras e divulgada em julho de 1993, constatou que 86% das pessoas ouvidas eram favoráveis à inclusão de orientação sexual nos currículos escolares. (1997, p. 111)

A sexualidade não se restringe apenas a um conjunto de normas sexuais ou a questões biológicas. Esta abrange toda a vida do ser e ao contrário do que se acreditava ou ainda acredita-se, manifesta-se desde a fase infantil. Isso acontece de várias formas: em brincadeiras, curiosidades com o próprio corpo e com o do outro, no carinho entre a criança e a mãe, em perguntas referentes ao sexo etc. Andrade considera que:

O ideal seria que a educação sexual informal e espontânea praticada pelos pais e familiares estivesse em harmonia com a educação sexual formal e sistematizada realizada na escola, trabalhando juntos para desenvolver uma sexualidade saudável, componente fundamental da personalidade e importante fator de equilíbrio na maturação da saúde integral do ser humano (1998, p.526).

É obvio que as manifestações não acontecem só em casa, mas também na escola, ou em qualquer outro lugar. A escola tem que saber trabalhar essas questões de forma consciente e clara, esclarecendo dúvidas dos alunos.

A idéia de sexualidade limitada apenas ao sexo, certamente é produto de toda uma cultura que é passada dependendo de interesses sociais para que o sujeito social seja enquadrado em normas de um determinado sistema.

A sexualidade não é um momento ou um lugar, ou uma disciplina. Ela está em todos os momentos da vida e é colocado em pauta todos os dias inconscientemente pela nossa visão de mundo, o valores etc.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais trata a sexualidade como um tema transversal, pois este é um tema de interesse de todos e inseparavelmente ligado à vida e à saúde dos seres humanos. Por ser um tema de interesse universal os PCNs justificam a importância de incluir nos currículos das escolas a orientação sexual. Nos fala sobre a postura do educador e da família e descreve os objetivos que pretende desenvolver nos alunos que estão no ensino fundamental.

A sexualidade é debatida nas séries iniciais a fim de fazer com que o aluno encontre na escola às informações que irão lhe ajudar na fase em que se encontram.

O objetivo principal de acordo com o PCN que o trabalho de orientação sexual deve ter é contribuir para que o aluno desenvolva e exerça sua sexualidade com responsabilidade. Ao final do trabalho no ensino fundamental deseja-se que os alunos respeitem os sentimentos e desejos dos outros e expressem os seus, que cuide da sua saúde e valorize seu corpo, respeite os diversos valores, as crenças relacionadas à sexualidade, seja solidário com portadores de HIV, etc.

GÊNERO

Na década de 80 alguns estudiosos procuraram contribuir para um melhor entendimento do que é ser homem e mulher em um determinado período histórico em uma sociedade, para isso esses estudiosos que eram feministas começaram a usar o conceito de gênero, Assim fica claro que esta é uma construção tanto histórica como social, mas que parte de diferenças que são biológicas entre homens e mulheres. De acordo com Suplicy:

A constatação da base é que embora os gêneros (feminino e masculino) sejam construídos a partir do sexo biológico, eles não se restringem a essa dimensão. Essa visão permite ampliar a potencialidade e diversidade de comportamento atribuível ao sexo feminino ou masculino, deixando para trás a camisa de força do que deve ser "coisa de homem" ou "coisa de mulher". Falar de gênero, portanto, é falar de construção histórica e social sobre diferenças biológicas de sexo (2000, p.60, 61).

As diferenças de sexo entre homens e mulheres têm causado desigualdade entre os mesmos. Segundo a socióloga Tereza Cintile:

A grande vantagem de se usar a noção de gênero, é desnaturalizar relações consideradas até então do domínio da natureza, e dessa forma evidenciar o caráter social e cultural da hierarquia entre gêneros, que quase sempre favorecem os homens. O que é considerado natural não pode ser mudado, mas o que é social e cultural pode ser alterado para corrigir desigualdades. (Projeto amor à vida 1997/9)

Existem diferenças entre homens e mulheres que não pode se mudar, pois já nascemos com elas, exemplo disso é que a mulher pode menstrual e ter filhos ou que só o homem pode fecundar. Essas funções biológicas não podem mudar, mas além dessas existem funções sociais diferentes para homens e mulheres, essas são funções de gênero e por sua vez são criadas pela cultura e atribuídas por

determinações a sexos diferentes. Essas sim podem ser mudadas. Uma forma de diminuir a desigualdade entre homens e mulheres é ocorrendo mudanças nessas funções sociais. Exemplo dessas funções são: mulheres por serem mais prontas a servir devem cuidar dos filhos e educa-los. Ao homem fica a função de decidir o que é melhor para a família e atender as necessidades da mesma.

Essas diferenças sociais entre homens e mulheres surgem da mesma forma como cada grupo social pensa em seu tempo, dos costumes, das crenças etc. Essas diferenças infelizmente acabam deixando as mulheres em posição de desigualdade em relação aos homens. E aí para compreendermos melhor isso, temos que observar que essa diferença tem relação direta com o crescimento econômico, político e social do país. Se na maioria dos países a mulher tem uma grande carga de trabalho doméstico, cuidados com os filhos, ocupação familiar etc. Ela sente o efeito da pobreza, pois não ocupam cargos que são remunerados e quando são é uma remuneração inferior a dos homens. Isso conseqüentemente afeta o mercado de trabalho e causa obstáculos para o desenvolvimento do país.

A divisão de trabalho por sexo, acaba nomeando funções desiguais para homens e mulheres. De acordo com Suplicy:

Dados da FUVEST (Fundação Universitária para os Vestíbulos da USP) revelam que cerca de 75% do total de candidatos da área de ciência exatas e tecnologia, no ano de 1990, eram do sexo masculino. Em humanas, 57% eram do sexo feminino e em ciências biológicas, 67% candidatos eram mulheres. Tais dados podem ser interpretados apenas a partir do interesse pessoal? Na verdade, eles são reflexos de uma visão sexista dos candidatos acerca das ocupações. Os homens ficam com as carreiras que lidam com o ser humano no que se refere à saúde, educação etc. (2000, p. 66).

Esses dados mostram uma tendência social e não pessoal, pois o gosto por determinada profissão é construído a partir das vivências de homens e mulheres. O interesse seria que os mesmos tivessem oportunidades iguais, que pontos de vistas dos dois lados fossem respeitados, assim como as necessidades e muitas outras coisas. De acordo com o Governo do Estado do Ceará: "Para se conseguir a igualdade de gênero, seria necessária mudança nas áreas da educação, atenção básica a saúde e acesso a recursos produtivos" (Projeto amor à vida 1997, p.16).

Para que possa haver igualdade de gênero, a educação tem que desempenhar um papel importantíssimo, desde a construção dos livros, até a prática do professor na sala de aula. Os livros devem trazer o mesmo número de meninos e meninas nas ilustrações e praticamente as mesmas atividades e brincadeiras. Na prática, o professor deve evitar frases e ações que deixem homens e mulheres em pé de igualdade, dá oportunidades iguais em brincadeiras, procurar formar grupos sem separação de sexo para que haja cooperação e não competição entre homens e mulheres.

A questão de ser homem ou mulher é tratada de forma bastante diferente em nossa sociedade, e isso começa desde cedo com as expectativas que vão orientar o caminho que a criança andar até se tornar um adulto e com certeza irão influenciar em seu comportamento. Devido a isso vão surgir várias ideias de que, homem é mais forte, que mulher é frágil, que homem não pode chorar, enfim são várias ideias. Suplicy nos diz que:

É inegável que há um viés ideológico ao se pretender demonstrar que é da "natureza" do homem ser mais forte e racional, e, portanto, ter o poder e exercê-lo. Definido como "natural", esse fato deixa de ser questionado. Mas

a história demonstra a falsidade desse argumento. As últimas décadas foram palco de mudanças marcantes nos comportamentos sociais: algumas mulheres ocupam posições de poder – público ou empresarial – em diversas partes do mundo, homens passaram a assumir tarefas domésticas e o cuidado dos filhos. (2000, p.59/60)

A manutenção de valores para homens e mulheres e os vários comportamentos para o sexo masculino e feminino são garantidos pela educação que impõe valores de como mulheres e homens devem se comportar socialmente e pessoalmente. Ribeiro nos diz que:

Para alguns teóricos é natural até os quatro anos de idade o menino brincar com meninas, fazendo papel de “boneco mãe”, e a menina de “boneco pai”. Através de modelos mais adequados, a criança irá adquirindo comportamentos mais específicos do sexo feminino ou masculino. (1993, p.08)

Mesmo o gênero sendo construído a partir do sexo biológico, ele não se restringe a isso como já foi dito anteriormente, é uma construção histórica e social.

O TRABALHO DO PROFESSOR COM QUESTÕES RELACIONADAS A GÊNERO.

É possível o professor trabalhar em sala de aula reflexões sobre a relação de gênero. Orientando os alunos para observarem como a televisão passa a imagem de homem e mulher, como filmes passam essa imagem, observar situações cotidianas que envolvem vantagem e desvantagens de ser homem ou mulher. A idéia de que trabalho que envolve força física ficou para homens e não para mulheres apenas justifica preconceitos. De acordo com Suplicy:

Informar é importante, mas não suficiente para mudar comportamentos. Os preconceitos impedem a utilização de informação, a adoção de comportamentos preventivos, o exercício da liberdade e o relacionamento de igualdade entre os gêneros. (...) A descoberta da sexualidade é um processo que se desenvolve no decorrer da vida, intimamente relacionado à afetividade e a compreensão do que é ser homem ou mulher. (2000, p.12)

A questão de que homem serve para isso e mulher para aquilo é um processo histórico que o indivíduo vai adquirindo nas vivências do dia-a-dia. E isso começa quando os pais descobrem o sexo do bebê, e atribui cores que são carregadas de significados e brinquedos que vão moldando comportamentos de acordo com suas funções. Basta observarmos quantas mulheres existem jogando futebol em copas do mundo. Por que só existem homens nesse cargo que por sinal rende muito dinheiro? Ora, não poderia ser diferente, pois assim que as famílias descobrem que o sexo de um bebê é masculino, um dos primeiros brinquedos a ser comprado é uma bola. Além disso existem interesses de mercado. O homem deve sustentar a família e a mulher cuidar. Se na infância as brincadeiras eram ligadas a isso, o mais obvio é que no futuro seja reproduzido na vida dos indivíduos.

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

Todos nós estamos inseridos em um processo de educação sexual. O que vivemos em nosso dia-a-dia vai nos fazendo ter uma visão sobre sexualidade e dessa forma cada pessoa vai incorporando de maneira particular certos valores. Esses valores com certeza são diferentes nas várias etapas da vida, ou seja, vão sendo avaliadas e se modificando. Recebemos as primeiras influências a respeito da sexualidade logo nos primeiros dias de vida ou melhor dizendo quando estamos

ainda na barriga e começam todas as expectativas em relação ao sexo. Essas são as primeiras manifestações da educação sexual. Segundo Suplicy:

A principal influência recebida desde a infância é a atitude dos pais frente à sexualidade. Já na gravidez começa a função educativa dos adultos, uma vez que suas expectativas para com a criança - "será menino? Será menina?" - influenciarão o comportamento sexual futuro dela. (2000, p.7)

A educação sexual se efetiva ainda mais com o nascimento. A relação da criança com os pais o faz adquirir capacidade amorosa e erótica que no decorrer da vida vai amadurecendo. Os valores e comportamento dos pais em relação à sexualidade tem grande influência na educação dos filhos, pois vão sendo passados no decorrer da vida da criança. É claro que há também influências de outros grupos sociais, de pessoas da família, livros, propagandas, escola e principalmente da mídia que é uma fonte que tem influencia decisiva na formação sexual das crianças, adolescentes e as pessoas no geral. E assim a educação sexual vai seguindo até a morte.

Diferente da educação sexual é a orientação sexual, esta por sua vez é sistematizada e acontece diferente da primeira que é informal e não sistematizada. A orientação sexual serve para ampliar a visão do aluno, fazendo-o perceber os tabus, preconceitos, valores etc. acerca da sexualidade. Esse trabalho pode ocorrer em escolas, centros de saúde, igrejas etc. Já a educação sexual acontece em qualquer lugar.

A orientação sexual na escola é um meio de intervenção pedagógica que proporciona ao aluno refletir sobre temas polêmicos com o professor. A boa relação

entre professor e aluno é útil para que este possa adquirir informações corretas a ser consciente de sua autonomia.

IMPLANTAÇÃO DE UM PROJETO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.

A escola tem emitido ao longo da história as questões relacionadas à sexualidade, nem o professor se atrevia falar sobre isso nem o aluno tinha conhecimento que ele tinha direito de ser orientado e por isso não reivindicava esse direito. Nos dias de hoje isso já mudou e a tendência é mudar ainda mais. Talvez essa mudança venha de tantos problemas, como a influencia da mídia, a violência sexual com a mulher, gravidez indesejada etc. Diante disso os pais têm reivindicado que as escolas implantem trabalhos de orientação sexual para que assim as crianças sejam orientadas desde cedo. De acordo com Brasil:

Assim propõe-se que a orientação sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (1997, p.122)

É muito importante que a orientação sexual faça parte do currículo das escolas públicas. Além disso o estado tem a função de levar informações sobre esse tema a população. Para que os indivíduos de nossa época possam vivenciar sua sexualidade com felicidade é importante que escolas assumam um papel

responsável quanto à orientação dos alunos, e que os pais se sintam a vontade para também orientar seus filhos, além disso é preciso que os serviços de saúde atendam de forma adequada aos pais para que esses possam repassar isso em casa.

A orientação sexual em nosso país ainda está dando os primeiros passos e ainda existe muitos tabus relacionados à sexualidade, por esse e outros motivos é importante que os pais se envolvam nesse processo, assim como todo o corpo da escola. A escola pode convocar os pais para uma reunião sobre a implantação do projeto de orientação sexual, por meio de convites e incentivá-los a acompanhar todo o processo de orientação. É importante que a reunião seja bem planejada, que os objetivos sejam claros, que o corpo da escola tome conhecimento da posição dos pais em relação ao trabalho que será desenvolvido e que busque envolve-los nesse projeto. De acordo com Brasil:

Por entender que a abordagem oferecida acontece a partir de uma visão pluralista de sexualidade e o papel da escola é abrir espaço para que essa pluralidade de concepções, valores e crenças possa se expressar, não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. Antes, caberá a escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir da sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pela família. (1997, p.124, 125)

O corpo da escola deve explicar o motivo que levou a mesma a desenvolver o projeto de orientação sexual, ressaltando que este foi elaborado de acordo com as necessidades dos alunos. É importante que dúvidas dos pais sejam esclarecidas para que o trabalho seja desenvolvido com credibilidade. Além de tudo isso é importante que sejam apresentados os benefícios que se espera alcançar com o desenvolver que a maioria deles meto do projeto.

Para o desenvolvimento de um projeto desses é preciso que exista a participação de todos para haver mudanças de estereótipos. Para Suplicy:

Sem a mudança de estereótipo, muito pouco vai mudar na área da sexualidade. Enquanto os pais não se sentem responsáveis pela educação sexual de seus filhos, enquanto as escolas não assumirem decididamente um programa de orientação sexual e enquanto os serviços de saúde não atenderem adequadamente a essa área, os indivíduos da nossa cultura e época estarão vivendo uma sexualidade empobrecida. Não desenvolverão o potencial de felicidade a que têm direito. (2000, p.10)

Quando a escola se recusar a tratar da questão sexual, ela de forma indireta está tratando desse assunto como um tabu, ou como algo que não tem importância e que não é papel da educação, ou que pode ser coisa que o aluno pode ir aprendendo em revistas, filmes, com os colegas etc. No entanto sabemos que esse é um assunto de suma importância e mesmo quando a escola se nega a discuti-lo ela estará passando um tipo de educação, que no caso é repressiva e inadequada.

É na escola que o aluno manifesta interesse a respeito dessa questão, então se ela não cumpre seu papel, não é de se estranhar que tenhamos tantas pessoas vivendo suas sexualidades desinformados e insatisfeitos. Se ao contrário disso, a escola fornece informações corretas e mostra que a sexualidade é a realização do ser humano, estará contribuindo para que o aluno possa vê-la de forma positiva. Segundo Suplicy: "É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização do ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades" (2000, p.11).

A falta de informação pode levar a criança a não ter uma vida sexual harmoniosa, pois pode se encontrar desprotegida diante das experiências sexuais

futuras. A orientação sexual está ligada à formação de personalidade com o amadurecimento mental. Ela proporciona a descoberta de si mesmo, o que futuramente levará a criança a ter melhores condições de assumir seus valores, sua identidade, respeito pela diversidade etc.

Para facilitar o trabalho de orientação sexual com crianças, o professor pode se utilizar de jogos de dinâmica, dando enfoque a algum tema que esteja relacionado à sexualidade. Para fazer isso é importante que haja um bom planejamento e que de preferência este seja feito entre os professores para que se possa colher idéias e experiências.

O orientador deve promover a troca de idéias entre alunos. Em sua prática também pode utilizar revistas, vídeos, leitura de textos etc. Os recursos didáticos ajudam os alunos a assimilarem melhor os conteúdos.

Antes de iniciar seu trabalho é bom fazer uma análise do nível de informações que o aluno se encontra para saber os conteúdos que devem ser dados. É importante que seja feita a avaliação dos resultados do trabalho e saber se deve ser mudado algo. De acordo com Suplicy: "(...) o professor não deve sentir-se obrigado a saber tudo sobre sexo; caso apareça uma questão desconhecida, ele estabelecerá estratégias de encaminhamento" (2000, p.22).

É comum que os alunos digam piadas, que exista cochichos e risos. Nesses casos o professor tem que entender que os alunos precisam se adaptar e que isso leva algum tempo, além disso pode tirar proveito dessas situações para explicar as razões deles agirem de determinadas formas.

CAPÍTULO II - ANÁLISE DOS DADOS

RECURSOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado em abril de 2007, com 18 alunos e 5 professores. Os alunos tinham a idade entre nove e dezesseis anos. Os mesmos cursam a 5ª série na Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental de Timbaúba, município de São João do Rio do Peixe.

Aos professores foi aplicado um questionário e com os alunos foi trabalhado textos, dinâmicas, músicas, HQ, etc.. A realização desse trabalho compõe-se de um estudo de caso, que segundo Matos:

Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos. Diferencia-se dos estudos quantitativos porque estes últimos buscam obter informações padronizadas sobre muitos casos (ROESE, IN Matos 2001). Trata-se de uma forma de investigação bastante utilizada dos cursos de pós-graduação, sobretudo pela facilidade operacional que proporciona. A alternativa de utilizar uma amostra reduzida, faz com que esta modalidade de pesquisa se apresente como uma das mais populares entre os investigadores. O estudo de caso é uma prática simples, que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados (GIL, IN Matos 2001).

O questionário aplicado aos professores contém seis questões, o mesmo se encontra anexado neste trabalho, assim como algumas atividades construídas pelos alunos.

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

Para o desenvolvimento deste trabalho primeiramente foi elaborado um questionário com seis questões que fazem parte da pesquisa de monografia, cujo tema é orientação sexual na escola.

As questões elaboradas foram aplicadas a cinco professores da Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental de Timbaúba, município de São João do Rio do Peixe. Em novembro de 2006, após a aplicação do questionário foi feita uma análise e comparação dos dados coletados.

De acordo com a primeira questão, defina sexualidade, é percebível que a maioria das professoras tem uma visão parecida do que venha a ser sexualidade, restringindo-a de certa forma a busca de prazer: "É aquilo que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade, da descoberta do próprio corpo e dos prazeres que ele pode nos proporcionar" (Professora A). "A sexualidade é caracterizada na minha concepção por manifestações instintivas dos seres, representada principalmente por pensamento, atitudes, gestos, voltados para a busca de prazer (...)" (professora E).

A professora "M" não fugiu desse conceito, mas sua visão é bem mais restrita, pois refere-se ao prazer sexual entre duas pessoas: "Sexualidade é uma condição sexual envolvimento entre duas pessoas" (professora M).

Uma professora diz que sexualidade é todo gesto realizado entre seres humanos: "É todo gesto realizado entre as pessoas; ou seja: um abraço, um aperto

de mão, um sorriso, um momento de atenção e escuta a necessidade do outro” (professora D).

Apenas uma das professoras fala que a sexualidade apresenta-se em diferentes fases da vida: “(...) ela se manifesta de modos diferentes nas pessoas e passa por um processo de evolução durante as diversas fases da vida” (professora B).

Diferente do que algumas pessoas pensam, a sexualidade se manifesta desde o nosso nascimento ou bem antes disso, e é marcada pela nossa educação e nossa história de vida. De acordo com Brasil:

(...) a sexualidade é entendida como algo inerte, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de diferentes formas a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (1997, p. 177)

Em relação à segunda questão, quais os conteúdos que são importantes para serem trabalhados dentro do tema sexualidade? Três professores (A, D e B) concordam que é importante se trabalhar o conhecimento do próprio corpo: “O conhecimento do próprio corpo. Os cuidados que devemos ter com nosso corpo” (professora A).

Acho importante e necessário ser trabalhado em primeiro plano, o próprio corpo, os órgãos e suas funções, para que o aluno tome consciência de suas necessidades e reconheça o valor de determinados órgão encarando-os como normais e necessários à vida humana. (professora D)

Duas professoras falam em DSTs e métodos contraceptivos, ou seja, coisas que estão relacionadas a prática do sexo com segurança. De acordo com Brasil:

O trabalho de orientação sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas. (1997, p. 114)

Apenas uma professora cita questões como repressão sexual, a escolha do parceiro certo, puberdade, primeiros contatos sexuais etc.

O corpo existe como um todo que está ligado a sensações, desejos etc. E não algo que tem apenas órgãos funcionando. De acordo com Suplicy:

"(...) o corpo guarda marcas, inscritos através da educação: nas proibições, permissões, vergonhas, coragem, medos, dores, prazer, receios, ousadias, distanciamento, aproximações... O corpo tem seus sonhos, projetos e fantasias (...)." (2000, p. 45)

Na terceira questão, se existe programa de educação sexual na escola? Todas as professoras dizem que não existe. Uma das professoras fala que mesmo sem existir esse programa, os profissionais do PSF ajudam bastante com palestras que esclarecem as pessoas da comunidade sobre algumas questões relacionadas a sexualidade:

"(...) sempre temos ajuda dos agentes de saúde, enfermeiros do PSF, que planejam palestras em parceria com o corpo docente da escola, para trabalhar alguns temas necessários a toda comunidade local, não somente da escola." (professora D)

Outra professora diz que mesmo sem o programa de educação sexual é importante que os professores estejam atentos as curiosidades e interesses das crianças em relação a sexualidade: "(...) o professor deve estar atento, pois as

crianças vivem suas curiosidades e interesses nas áreas da sexualidade em momentos próprios e diferentes umas das outras” (professora B).

De acordo com Brasil:

(...) as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber. A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade e tensão. (1997, p. 113)

Uma das professoras diz o seguinte: “(...) infelizmente a nossa escola ainda é carente dessa educação” (professora E).

Percebe-se assim que a professora acredita que educação sexual só acontece dentro da sala de aula, o que contradiz a idéia de Suplicy, quando afirma que:

(...) cada um de nós se encontra inserido, mesmo que não o perceba, num processo de educação sexual. Ela ocorre de maneira informal e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. As vivências de cada um vai moldando uma visão muito particular sobre sexualidade que pode ser mais rígida ou liberal, severa ou radical, dependendo dessas experiências ou influências. Não se vivem os mesmos valores nas diversas etapas da vida. O que se vivencia na fase infantil é sentido e avaliado de forma diferente na juventude, na idade madura e na velhice. (2000, p. 7)

Na quarta questão, através de que atividades os professores desenvolvem o tema sexualidade, apenas uma professora diz que não se fala sobre isso em sala de aula. Vale ressaltar que se o professor não fala sobre sexualidade em sala de aula, isso já é uma forma de educação que está sendo passada e mesmo que não esteja passando uma educação sexual com palavras, ele está passando com gestos e atividades. As outras professoras falam que usam brincadeiras, canções, jornais,

revistas, leitura de notícias, experiências vividas pelos alunos etc. Uma professora diz que quando a aula é planejada, usa cartaz e material doado pelo 9º núcleo. Quando não aproveita as aulas de ciências para falar sobre piadas obscenas e assuntos falando sobre sexo.

Na quinta questão, de que materiais a escola dispõe para trabalhar o tema sexualidade, duas professoras dizem que dispõem do livro didático, sendo que uma diz que ainda que dispõem também de histórias infantis. Outra professora (M) cita ciências e saúde. Ao contrário dessas a professora "A" diz que a escola não dispõe de nenhum material para tal trabalho e que o próprio professor é quem tem que procurar arrumar alguns materiais para que possa promover uma aula interessante: "A escola em si não dispõe de materiais, o professor quem promove ou quem procura conseguir algo que lhe proporcione a possibilidade de uma aula interessante" (professora A).

Não é preciso obrigatoriamente que a escola disponha de materiais para que sejam abordadas em sala questões que dizem respeito à sexualidade dos alunos. É necessário sobre tudo que haja uma atitude do professor e do corpo da escola como um todo, unido aos pais e a comunidade, pois só assim podem ocorrer mudanças. Esse é um trabalho coletivo e que requer planejamento, reuniões, troca de idéias e experiências etc.

Não adianta o professor esperar chegar material na escola para dar uma aula de orientação sexual, até porque um determinado material não vai atender a todas as situações que aparecerão e o professor tem que estar preparado e ter uma postura diante dessas. E aí de acordo com o que pode surgir, ele pode usar dinâmicas, leitura de textos, jornais, músicas, filmes, propagandas etc. Enfim há uma infinidade

O trabalho de orientação sexual, com certeza contribui para que o aluno possa vivenciar sua sexualidade de forma saudável e prazerosa.

ANÁLISE DO ESTÁGIO

1º dia

No primeiro dia expliquei aos alunos que iríamos trabalhar alguns temas, textos, dinâmicas dentro do tema sexualidade. Expliquei que sexualidade não se refere apenas ao ato sexual, ou ao corpo, mas envolvia muita coisa como preconceito etc. Em seguida apliquei uma dinâmica sobre personalidade. Logo após entreguei um texto de história em quadrinhos, cujo título é o time das meninas. O texto enfoca questões de gênero e a separação de brincadeiras de meninos e meninas. O texto foi trabalhado em equipe. Lemos o texto juntos e em seguida passei duas questões para que os alunos respondessem. Ao final recebi as questões.

Alguns alunos apresentaram dificuldade em responder as questões, mas a maioria desenvolveu a atividade com facilidade.

2º dia

No segundo dia foi trabalhado duas histórias em quadrinhos. Uma de Hagar e a outra de Mafalda. As duas histórias enfocavam também questões de gênero e preconceito que existe com a mulher. A desigualdade entre os sexos. Os dois textos foram trabalhados em equipe. Eu os li e expliquei. Em seguida pedi em um exercício que os alunos comparassem as duas histórias. Em outro momento pedi que contassem um desses contos de fadas trocando o sexo dos personagens. Os alunos acharam interessante e até riram com os resultados das histórias. Poucos sentiram

dificuldades. Ao término os alunos leram suas histórias, assim todos tinham a oportunidade de conhecer a história de cada equipe.

3º dia

No terceiro dia trabalhei uma dinâmica, cujo nome é “corta essa” e o texto “o que é discriminação?”. Tanto o texto como a dinâmica tratava de questões como o preconceito com o diferente: gordos, homossexuais, baixos, negros, brancos, religião, etc.

Entreguei uma folha com alguns balões contendo depoimento de pessoas que foram vítimas de preconceito. Os alunos leram e em seguida li o texto sobre discriminação. Logo após apliquei um questionário contendo 4 perguntas. Cada equipe apresentou o que construíram. E para finalizar mandei-os lembrarem de um momento em que eles tinham sofrido discriminação e um momento em que eles discriminaram alguém. Muitos alunos sentiram dificuldade em responder as questões, mas eu saí em cada equipe explicando o que cada questão estava pedindo e assim todos responderam.

4º dia

No quarto dia trabalhei algumas propagandas em que usava-se o corpo para vender alguns produtos. Primeiramente coleí as propagandas no quadro e pedi aos alunos que as observasse. Ao fazerem isso fizemos os comentários sobre o que havíamos observado. Em seguida apliquei um questionário contendo seis questões. Os alunos que sentiram dificuldade em responder, eu fui até a equipe e expliquei. Fiz então uma espécie de rodízio. Saí em cada equipe olhando a resposta da questão um, em seguida dois, três e assim sucessivamente. Ao término das

respostas cada equipe apresentou o seu e as outras equipes faziam perguntas, destacavam o que achavam das respostas da equipe que estava se apresentando. Dessa forma todos tinham a oportunidade de ver a produção dos colegas.

5º dia

No quinto dia trabalhamos duas músicas; coelhinho de Saia rodada e amor e sexo de Rita Lee. Primeiramente cada um adquiriu as músicas fiz a leitura de cada música e discutimos sobre outras músicas no estilo das que estávamos trabalhando, cada aluno fez suas colocações. Eu expliquei que as músicas, propagandas, filmes, novelas, etc. tinham grande influencia na forma como eles vêem o sexo. Logo após escutamos as músicas, analisando-as de forma cantada. Em seguida coloquei um questionário contendo cinco questões. Todas desenvolveram e apresentaram com facilidade a atividade. Ao final perguntei o que eles tinham aprendido com nossas aulas e obtive boas respostas, todas fizeram suas colocações e se empolgaram bastante. Por último fiz uma dinâmica do caça ao tesouro e li algumas poesias.

CONCLUSÃO

Nas últimas décadas tem se falado abertamente sobre práticas e identidades sexuais e a mídia é a grande responsável por esse debate que conseqüentemente está transformando as relações entre homens e mulheres. Embora esse debate esteja mais aberto e hoje em dia as televisões, rádios, jornais, revistas etc., estejam debatendo muito sobre temas diretamente ligados a sexualidade, a população parece não ter alertado ainda para questões como DSTs, gravidez indesejada, etc. A verdade é que o discurso está muito bonito, mas a prática totalmente diferente. Isso talvez seja um efeito da própria mídia, pois enquanto em horário as TVs colocam profissionais falando sobre esse assuntos e mostrando os cuidados que se deve ter, em outro horário mostra cenas de sexo explícitos e propagandas o que faz as crianças despertarem mais cedo sem ao menos pensar nas conseqüências.

A verdade é que o sexo parece ter chegado a um estado de mercantilização e isso pesa ainda mais na responsabilidade da escola e também na qualificação dos profissionais que devem estar preparados para saber trabalhar tais questões em sala de aula o que não é tão fácil assim.

Embora a sexualidade seja uma questão pessoal e a escola uma instituição que é responsável pela formação coletiva dos indivíduos, ela não pode deixar que a se encarregue sozinha da educação sexual das crianças e jovens, pois como qualquer outro ela é um espaço sexualizado e constrói identidades de gênero e sexuais. As identidades de gênero e sexuais são construídos socialmente e devido a isso nunca estão acabados, ou melhor, dizendo, sempre estão em processo de transformação.

Não é o sexo ou a característica sexual que diz sermos masculinos ou femininos, mas sim a forma que representamos essas características, o que associamos a

sexo, a forma que vivemos nossos desejos e prazeres e isso está ligado a cultura, a sociedade e não só ao sexo biológico. Este não é uma construção social e cultural, nós nascemos com ele. Nossa sociedade tem um certo ideal de gênero e sexualidade e associa isso ao modelo de família ideal que de forma explícita ou implícita é passado pelos livros didáticos, TV, Igreja, discursos políticos e pela escola. Esse modelo de família inclui pai e mãe heterossexuais e filhos e filhas todos brancos e de classe média, mas esse modelo de família vem se modificando nos últimos tempos (isso é notável). A cada dia estamos vendo famílias compostas só por mães e filhos, ou pais e filhos, avós e netos, casais de gays etc. Claro que isso não é tão comum, mas a cada dia cresce mais esse tipo de família.

Além de mostrar apenas um modelo de família, a escola mostra também apenas uma forma de sexualidade que é a tida como normal, ou seja, a sexualidade vivida por homens e mulheres heterossexuais e que devem ser casados. A escola mostra esse modelo de família e de sexualidade de forma implícita, pois nem sempre é aberta para falar sobre determinados assuntos e tem silenciado diante de assuntos como homossexualidade ou bissexualidade. Apenas mostra que a heterossexualidade é normal e natural assim é a forma verdadeira de manifestar os desejos sexuais, então o que foge dessa normalidade é considerado patológico. De acordo com Meyer:

(...) se a heterossexualidade é "natural", por que há tanto cuidado para garanti-la? Não bastaria deixar aos cuidados da "natureza" o desenvolvimento e de jovens? Por que se vigia tanto os/as estudantes para impedi-los de atitudes, interesses ou comportamentos homossexuais? É indispensável admitir que muitos adultos têm dificuldades para responder a essas questões e que, talvez para por um fim na discussão, declarem: 'desse negócio de homossexualidade eu não entendo!'

A homossexualidade não é um assunto que interessa somente a uma pequena parte da população, visto que as formas de viver a sexualidade acabam interferindo nos outros.

Hoje existe uma aversão tão grande por parte nossa com os homossexuais que muitos preferem não se envolverem em discussões ou preferem ser contra, talvez por medo de ser interpretados como um homossexual. O problema é que enquanto nós e a escola estamos em silêncio diante desses assuntos a consequência é que eles se tornam objeto de risadas e pichações ns banheiros das escolas e em vários locais. Quem nunca viu os banheiros das escolas com vários desenhos que denunciam a curiosidade e necessidade das crianças e jovens em ter mais esclarecimentos do assunto?

Hoje o sexo deixou de "estar" no mundo privado das pessoas e devido ter se tornado um instrumento de marketing tem ocupado um lugar público. Muitos produtos são vendidos por meio de propagandas sobre sexo. É normal vermos propagandas de cervejas com mulheres quase nuas, não só de cerveja, mas de muitos produtos, acontece que essa é tão comum que parece estanho quando nos cartazes de cerveja não vem uma mulher com o corpo escultural (exigido pela mídia) e fazendo cara de sexy. Isso me leva a pensar a que ponto chegamos. Daí a importância debatermos publicamente várias questões sobre sexo.

Embora as questões ligadas ao sexo estejam sendo debatidas somente recentemente, o sexo sempre fez parte de nossas vidas queiramos ou não. Na verdade desde nossa vida no útero nossa condição de ser sexuado já é estabelecida. Essa condição sofre influencia do meio social e cultural em que cada um é inserido, ou seja, cada um de nós passa por uma determinada educação sexual dentro do contexto familiar, nos grupos de amigos etc. A escola vem então

somar essa educação que acontece de forma informal. Na escola a educação acontece de forma planejada e formal, mas claro que a educação espontânea sem ser planejada também acontece, pois os alunos e professores se relacionam e interagem e em algum momento deixará fluir naturalmente suas formas de encarar a sexualidade sem estar necessariamente na sala de aula ou estudando.

A educação sexual deve estar sempre aberta a mudanças, por isso é importante que o professor esteja sempre se replanejando, refazendo sua prática. Não é necessário que este entenda tudo sobre o funcionamento dos órgãos, mas que também não seja totalmente leigo no assunto. O professor também não pode falar sobre sexualidade sem dominar algo no assunto, daí a importância dos cursos de formação dar mais importância a essa questão, pois sendo o professor preparado ou não ele fez educação sexual em vários momentos e se tem de fazer que tenha um certo preparo, pois isso só tem a contribuir tanto para os educadores como para os educandos.

Uma boa observação por parte dos professores sobre o que os livros didáticos trazem é sempre bom. Alguns livros são tão complicados ao tratar do tema que ao invés de esclarecer algumas questões acabamos complicando mais ao produzir conceitos equivocados, porém isso pode ser resolvido se a escola dispor de professores preparados para falar sobre sexualidade.

Quando observamos os livros didáticos podemos perceber que a maioria deles evoca mais a figura masculina, o que reforça mais ainda a desigualdade de gênero. Isso aparece em textos, figuras, frases etc. As figuras de mulheres geralmente são pessoas frágeis e os homens fortes. Alguns livros passam a idéia de que para se ter um filho é preciso antes casar-se, sendo que a realidade não é o que os educando

vêm. Todas essas e outras são questões que precisam de um olho clínico do professor.

BIBLIOGRAFIAS

BOVER, Jairo, Quero entender tudo sobre sexualidade. 1ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2006.

BOCK, Ana M. Bahia, Psicologias. Editora Saraiva, 1995.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/secretaria de educação fundamental. Brasília; MEC/SEF, 1997. V. 10.

CEARÁ: Governo do Estado do Ceará. Projeto amor à vida. Manual do multiplicador: Gênero, advocacy e família. Fortaleza, 1997. P. 64.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de, Pesquisa Educacional: O prazer de conhecer. Fortaleza. Democritico Rocha UFC, 2001

OLIVEIRA, Betânea Maria de, Sexualidade na escola: um estudo sobre as representações dos docentes do ensino fundamental. UFP. Centro de Educação Mestrado em Educação. Orientadora Profª. Drª. Lúcia de Sousa Leão moura, Recife, 2001.

PEREIRA, Silva Leite, Mundo Jovem, viva a vida sem drogas. Fevereiro, 2001 – nº. 313.

RIBEIRO, Marcos. Educação Sexual. Novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro. Editora Rosa dos Tempos LTDA, 1993.

SILVEIRA, Maria D. & Dourado, Sandra M. Nunes (org), Psicologia da Educação: infância e adolescência. Fortaleza – Ceará. UVA, 1999.

SUPLICY, M. et alli. Sexo se aprende na escola. São Paulo: Olho D'água, 2000.

ANEXOS

Título: Orientação sexual: um tema em debate
Responsável: Sandra Soares Sarmiento
Realização: 04 dias

Justificativa:

O tema sexualidade merece enfoque especial dentro da sala de aula, pois muitas crianças não são esclarecidas pelos pais sobre sua sexualidade. A realização do projeto procura esclarecer as famílias e as crianças sobre a importância de conhecer seu próprio corpo e viver bem com o mesmo. Este tema pode ser desenvolvido em várias disciplinas como História, Ciências, Português etc.

Objetivos:

Esclarecer as crianças a importância da sexualidade e de perceber e compreender seu corpo.

Metodologia:

- Palestra com profissionais do PSF;
- Leituras de poesias, HQ e produção de textos pelos alunos;
- Dinâmicas;
- Música: lapada na rachada – Solteirões do forró e coelhinho – Saia rodada.

Avaliação:

- Através da observação;
- Participação e produção dos materiais

Recursos:

- Humanos: educador, educando, equipe do PSF;
- Materiais: xérox, som, CD, papel, caneta, revistas, cola, etc.

Plano 1

- Procedimento: dinâmica e texto.
- Aplicação da dinâmica
- Entrega e leitura de um texto em HQ.
- Aplicação do questionário em relação a HQ.
- Produção e apresentação.
- Alunos da 5ª série (público alvo).

Plano 2

- Procedimento: texto HQ.
 - Entrega e leitura dos textos em HQ.
 - Produção e apresentação.
- Alunos da 5ª série (público alvo).

Plano 3

- Procedimento: dinâmica e texto.
- Entrega da dinâmica.
- Leitura do texto complementar.
- Produção e apresentação.
- Alunos da 5ª série (público alvo).

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CALAZEIRAS - PARÁIBA

Plano 4

A sexualidade nos meios áudios-visuais: música, propaganda, jornais, revistas etc.

Produção de textos.

Alunos da 3ª e 4ª série.

Plano 5

- Procedimento: música.
- Análise das músicas.
- Produção de textos e apresentação.
- Alunos da 5ª série (público alvo).

AMOR E SEXO
RITA LEE

Amor é um livro
Sexo é esporte
Sexo é escolha
Amor é sorte
Amor é pensamento, teorema
Amor é novela
Sexo é cinema
Sexo é imaginação, fantasia
Amor é prosa, sexo é poesia
O amor nos torna patéticos
Sexo é uma selva de epiléticos

Amor é cristão
Sexo é pagão
Amor é latifúndio
Sexo é invasão
Amor é divino
Sexo é animal
Amor é bossa nova
Sexo é carnaval

Amor é pra sempre
Sexo também
Sexo é do bom
Amor é do bem
Amor sem sexo é amizade
Sexo sem amor é vontade
Amor é um, sexo é dois
Sexo antes amor depois
Sexo vem dos outros e vai embora
Amor vem de nós e demora

Coelhinho e Saca rodada

G. S. 1900

Ô minha prima.

O que é que tem nesse coelhinho que todo mundo quer pegar mulher.

É que ele é bem fofinho e bem bonitinho primo.

A minha prima tá criando um bicho.

O bicho é cabeludo e é muito bonito (2x)

Ai todo mundo quer pegar no bicho.

Porque o bicho dela é um coelhinho (2x)

O meu vizinho que é muito atrevido já anda falando que vai comer o bicho.

A minha prima não sai mais de casa.

Não quer fazer nada, só agarrada no bicho.

REFRÃO:

É o teu vizinho que quer comer meu coelhinho (2x)

É o teu vizinho que quer comer meu a!

Ô minha prima se acalma deixa eu te guardar o bicho (2x)

Eita coisa boa!

O primo não deixa o teu vizinho comer meu coelhinho não

com um coelhinho desse até o pai se acalma.

lapada na machada

Selteiões do fovo

Toma gostosa lapada na machada, você pede e eu te dou lapada na machada, e aí tá gostoso lapada na machada, toma, toma, toma.

Vi uma menina linda a danada enlouqueceu, a macharada ficou de lá quando ela apareceu, sorriso envolvente gestinho sensual pra acabar de completar seu mal no final, que não acreditava no estava acontecendo, sorria, e me olhava o clima foi crescendo, fui direto ao assunto e não pude acreditar, chegou no meu ouvido e começou a falar. Vai, da tapinha na bundinha vai, que eu sou sua cachorinha vai, que eu te muito assonhada, vamos da uma lapadinha, só se for na machadinha.

Toma gostosa lapada na machada, você pede que eu te dou lapada na machada, e aí tá gostoso lapada na machada, toma, toma, toma.

tratadas de forma preconceituosa e desigual.

Fala também que todas as pessoas devem receber um tratamento igual e justo e que existem leis para apoiar pessoas vítimas de discriminação. Lembra que, conversar a respeito das diferenças ajuda as pessoas a ampliar sua compreensão em relação às outras e que a discriminação limita as possibilidades da sociedade de aproveitar as capacidades de seus membros. Exemplo: discriminação no mercado de trabalho de pessoas deficientes, pobres, ou de religião diferente.

Corta essa !!!

Na minha escola é o maior saco. Parece que ninguém tem nada para fazer a não ser ficar sofocando. Comigo aconteceu um negócio super chato: eu adorava ficar conversando com a professora de Educação Física depois da aula. Não é que começou um boato de que eu era sapulão e estava dando em cima da professora?

Ana, 15 anos

Tenho 17 anos e nunca fiquei com menina nenhuma e nem namorei. Os caras ficam zoando, dizendo que sou gay e até me apelidaram de Bambi. No começo não dava bola, mas agora fico achando que não sou normal.

Pedro, 17 anos



Durante um treino de futebol encanaram com o tamanho do meu pênis, ficaram dizendo que ele era minúsculo e que com aquilo eu nunca ia fazer uma mulher feliz. Fiquei tão mal que parei até de jogar.

Chico, 15 anos

Sou gorda e sofro muito por isso. É horrível conviver com os apelidos e com os comentários que fazem sobre o meu corpo. Não gosto de ser gorda e acho que nunca vou arrumar um namorado.

Helena, 16 anos

Pareço com um bumba de não negro. Meus pais ficam o tempo todo falando que preciso fazer musculação, me alimentar, que tenho cara de doente. Não dou a mínima. O que eu gosto mesmo de fazer é estudar. Sou o gênio da turma e me orgulho disso.

Luís, 17 anos

Eu adorava conversar e fazer novos amigos. Até que começaram a me chamar de galinha. Hoje, fico até com medo dos caras chegarem em mim e começar o fultório de novo.

Luciana, 14 anos

Nunca tinha me sentido discriminada até que, um dia, eu estava limpando a sala de aula com umas colegas quando um garoto olhou para mim e disse: "Isso mesmo, vai treinando, porque preta só dá mesmo para empregar de doméstica". Foi horrível.

Tereza, 16 anos

As tirinhas de jornal reproduzidas abaixo representam duas situações que dizem respeito às relações de gênero.

O professor pode pedir para que os alunos as identifiquem e contextualizem; questioná-los sobre por que, onde e como essas situações ocorrem no dia-a-dia das pessoas.

Qual a responsabilidade de homens e mulheres no que se refere à transformação das desigualdades sexuais, sociais e culturais dos papéis masculino e feminino? É possível modificá-los?

ILGAR

Dick Browne



DRAGA! ESQUECI QUE ESTA ERA A NOITE DAS MULHERES!

MEU MARIDO NÃO ME COMPREENDE!

MEU MARIDO NÃO AJUDA NAS TAREFAS DOMÉSTICAS!

NÃO VAI ACREDITAR NO QUE O MEU MARIDO FEZ!

QUE EU FAÇO? MEU MARIDO NÃO ARRUMA EMPREGO!

MAFALDA

Quino



MÃE, QUE FUTURO VOCÊ VÊ NO MOVIMENTO PELA LIBERAÇÃO DA MÃE... NÃO, NADA ESQUECE...

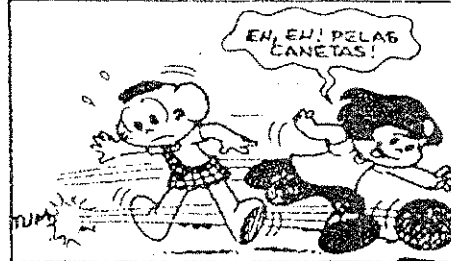
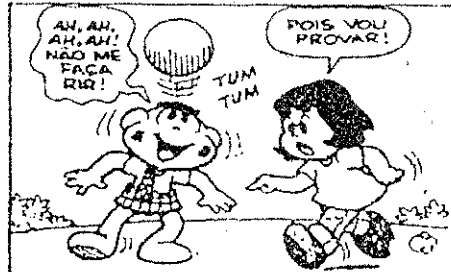
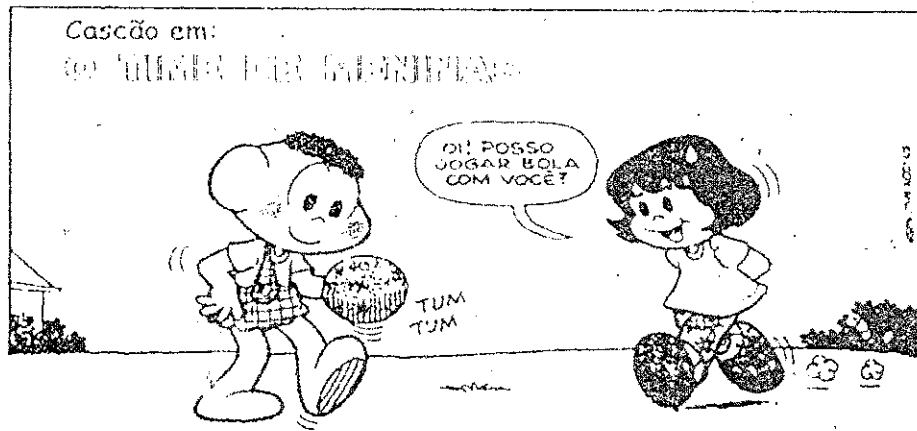
Todos sabemos que o aprendizado das desigualdades sexuais começa em casa. O professor deve solicitar aos seus alunos que, durante uma semana, observem e descrevam as atividades feitas no dia-a-dia pelos homens e pelas mulheres da família (quem faz o que). Depois disso, pode levantar questionamentos como:

- Há diferenças entre as atividades masculinas e femininas? Quais?
- Quem, na sua opinião, trabalha mais na sua família: os homens ou as mulheres?
- Por que você acha que isso acontece?
- Há alguma coisa que você mudaria na forma como os papéis sexuais são exercidos em sua casa?

A maioria das pessoas já ouviu, pelo menos uma vez, a história das princesas Bela Adormecida e Cinderela que foram salvas por um lindo príncipe encantado. Há também as histórias do menino fanfarrão chamado Pedro Malasartes, ou do herói Super Homem que veio de um planeta distante. O que nem todos conhecem são as histórias dos príncipes "Belo Adormecido" e "Cinderelo", ou da menina levada "Maria Malasartes" e da "Super Mulher". O professor pode pedir para os seus alunos escreverem, desenharem ou dramatizarem as novas versões dessas histórias, inventarem outras histórias trocando os personagens. Pode, também, discutir com os seus alunos o que eles acharam das histórias criadas por eles.

Aluna
Tina G.

Uma das maneiras de iniciar a discussão sobre o tema *relações de gênero* pode ser a utilização de histórias em quadrinhos ou textos como o apresentado abaixo. A historinha sugere uma boa oportunidade para os alunos fazerem brincadeiras que, habitualmente, são atribuídas a meninos e meninas. O professor pode propor que os alunos sugiram atividades e brincadeiras onde meninos e meninas cooperem entre si na sua execução.



Roteiro de questionário para os professores

Formação:

Tempo que ensina nas séries iniciais:

1. Defina sexualidade.
2. Dentro do tema sexualidade, quais os conteúdos que você acha importante para serem trabalhados em sala de aula?
3. Existe algum programa de educação sexual na sua escola? Quais?
4. Através de que atividade você desenvolve o tema sexualidade?
5. De que materiais a escola dispõe para trabalhar o tema sexualidade?
6. Você se considera preparado para trabalhar educação sexual?